

editorial

O elogio da tartaruga



> António Fidalgo

Diz-se que Portugal anda triste. Somos de novo o País mais pobre da União Europeia, ficando atrás da Grécia, país que havíamos ultrapassado há cerca de dez anos. Somos o País com maior taxa de abandono escolar, os alunos que ficam são dos piores em matemática e em física, temos a economia que menos cresce na Europa, o défice orçamental do Estado parece um pesadelo, temos listas de esperas nos hospitais, os salários não aumentam. Pelos vistos, justificam-se as razões da tristeza.

Ainda não há meia dúzia de anos vivíamos tempos eufóricos, aquando da inauguração da ponte Vasco da Gama, da adopção da nova moeda, da organização da Expo. Aí parecíamos a lebre que iria apanhar rapidamente os países mais desenvolvidos da Europa. E, de repente,

vemo-nos no triste fado de sermos os últimos. Do oitenta passámos para o oito. Parece que o esforço não vale a pena, que é escusado fugir à sina de sermos os mais pobres, os menos alfabetizados, com pior ordenamento do território, gastando em estádios de futebol o pouco dinheiro que nos resta. Do bom aluno da Europa passámos ao primeiro País a ultrapassar os limites do défice de Estado. A corridinha à lebre, feita a seguir à integração europeia em 1986, foi de pouca dura. Cansámo-nos depressa.

O mais provável, porém, é que nunca estivemos tão bem como se julgou em tempos de euforia, nem estamos tão mal como se julga agora. O que é verdade é que em 1900 Portugal era um país com 75 por cento de analfabetos, quando já não havia analfabetos em França e na Alemanha, é que em 1910 Portugal apenas tinha uma universidade e hoje tem mais de vinte, é que de 1962 para cá Portugal foi um dos países que maior crescimento teve em todo o mundo. As coisas têm de ser vistas com alguma distância. É verdade que somos ainda o País mais pobre da União Europeia, mas não é menos verdade que já não somos tão pobres como éramos ainda há poucos anos. O que se passa é que afinal não estamos a andar tão depressa como pensávamos. Mas é neste ponto que convém fazer o elogio da tartaruga.

Há quem julgue que o desenvolvimento e a cultura se conseguem rapidamente, há porventura quem tenha julgado que a adesão de Portugal à CEE era como ganhar a taluda do Natal, e que todos os problemas do subdesenvolvimento ficavam resolvidos com os milhares de milhões dos fundos comunitários. Mas não é assim, as coisas são lentas. Um hospital faz-se em dois ou três anos, mas um médico, um enfermeiro, um sistema de saúde eficiente, levam anos e anos a formar. As auto-estradas e as escolas constróem-se hoje em pouco tempo, mas a mentalidade de conduzir civilizadamente e a de dar o devido valor à formação escolar é algo que demora gerações. Há apenas uma dúzia de anos atrás um drama português era o trabalho infantil. Agora, pelos vistos, o problema já não é esse, mas o insucesso escolar. As coisas andam mais devagar do que o que se pensa. Importante, porém, e esse é o ensinamento da tartaruga, é que andem de forma permanente e contínua. Não é com carreirinhas ligeiras, tão rápidas quanto de pouco fôlego, que se conseguem os objectivos, mas com persistência e tenacidade. Sabemos que quem ganhou a corrida foi a tartaruga e não a lebre. Ainda que lenta a tartaruga foi persistente, andou sempre. A lebre era tão veloz quanto inconstante, ora corria, ora dormia uma soneca, e, por isso, perdeu.

Normalmente a vitória sorri aos corredores de fundo, aos que não desistem, mas persistem. Os voluntarismos repentistas podem ser muito ao nosso jeito e feitos lusos, podem mesmo dar a ilusão de que é agora que vamos conseguir, mas costumam enganar. Mais eficaz é a determinação duradoura de manter o rumo, de ultrapassar os bons e os maus momentos, de trabalhar a médio e a longo prazo. Não há tácticas, por mais brilhantes que sejam, que substituam uma estratégia consistente. E é isso que faz falta a Portugal: manter a estratégia da tartaruga, de caminhar sempre, fazer sempre o que é certo ainda que os resultados não se verifiquem no imediato.

Tudo o que é dito aqui se aplica sobremaneira à universidade. Uma universidade é um projecto de muitos anos, com um elevadíssimo grau de exigência constante. Um mestrado, um doutoramento, uma carreira académica, a formação de uma equipa científica, a criação de uma cultura de escola, são provas de verdadeira resistência e persistência. Dai que tenha cabimento fazer aqui, no Urbi, jornal da UBI, o elogio da tartaruga.

É com persistência e tenacidade que se conseguem os objectivos

Comparar modelos de gestão universitária

A Universidade de Aveiro acolheu no passado dia 19 de Novembro, um debate sobre modelos de gestão no ensino superior. A organização coube, em conjunto, à universidade aveirense, UBI e Universidade de Coimbra.

O evento contou com comunicações de especialistas internacionais convidados, que ocupam ou já ocuparam cargos de liderança nas universidades de Twente, na Holanda, Pittsburg, nos Estados Unidos da América, e Salamanca, em Espanha.

O objectivo foi analisar comparativamente os modelos europeus e norte-americanos de gestão de estabelecimentos de ensino superior.

No final das comunicações, decorreu um debate moderado por Júlio Pedrosa, ex-reitor da Universidade de Aveiro e antigo ministro da Educação no Governo de António Guterres.

A iniciativa decorreu na mesma semana em que se debateu na Assembleia da República uma proposta de lei que estabelece as bases do regime jurídico de autonomia, organização e funcionamento do ensino superior.

"Café Montalto" apresentado na Covilhã

"Café Montalto" é o novo livro de Manuel da Silva Ramos sobre a Covilhã, o mundo operário e a luta contra a ditadura. Poemas, contos e romances integram o percurso literário do autor.

"Hoje é o dia mais feliz da minha vida", garantiu Manuel da Silva Ramos na apresentação do livro, que teve lugar no dia 13 de Novembro. Ao longo de quase 350 páginas, há referências a lugares e pessoas reais. Um romance sobre a Covilhã dos anos 60, a luta contra o Estado Novo e os conflitos sociais na indústria de lanifícios. "Café Montalto" é um livro repleto de memórias", salienta Maria do Rosário Rocha, Vereadora da Cultura da Câmara da Covilhã. Fernando Paulouro Neves, director do Jornal do Fundão, valoriza a capacidade de Silva Ramos em romper com os limites da língua. "Este livro é uma forma de abanar as consciências e impedir que a memória morra", sublinha.

No ar ficou a hipótese de uma continuação para "Café Montalto", um futuro livro sobre o declínio dos lanifícios desde 1986 até aos nossos dias.

Colóquio debate Guerra, Filosofia e Política

Guerra, Filosofia e Política foi o tema do mais recente colóquio organizado pelo Departamento de Comunicação e Artes da UBI. O encontro entre investigadores desta temática teve lugar nos dias 28 e 29 de Novembro na Sala dos Conselhos do Pólo 1.

"Guerras justas e injustas", "Sobrevivência e direito natural: Flávio Josefo, Thomas Hobbes e Espinosa", "Legitimidade da Guerra e os direitos subjectivos", "Cepticismo, paixões e guerra", "O conflito entre vontade geral e vontade de todos – ou o risco de guerra civil", «Conflitos armados contemporâneos: sinal ou resignação», foram alguns dos temas debatidos por investigadores desta matéria.

O colóquio reuniu pensadores nacionais e estrangeiros em torno da guerra em várias vertentes. "Entre as inúmeras questões que ela coloca discutem-se a do seu carácter inerente às sociedades humanas e à história, a da liceidade moral de a praticar e dos modos como conduzi-la e a da sua articulação, a vários níveis, com o direito e a política".

Teatr'UBI forma novos actores

Descobrir novos talentos e assegurar a continuidade do Teatr'UBI são os objectivos de uma formação teatral que desde o passado dia 21 ajuda vários elementos a dar os primeiros passos na arte de representar. Viriato Morais, actor profissional, é o responsável pela formação dos candidatos.

Exercícios de improvisação e jogos de confiança são alguns dos campos explorados. As aulas decorrem no anfiteatro da Associação Académica da Universidade da Beira Interior, e, no final do workshop, os alunos recebem um certificado de participação.

A prova de fogo dos novos actores será dada em Fevereiro do próximo ano, altura em que o Teatr'UBI apresenta ao público a sua nova produção.

Outro trabalho que se encontra em preparação é o da encenação de alguns textos poéticos universais, sob a alçada de Rita Carriho, docente do curso de Português para Estrangeiros ministrado na UBI.

Quanto a próximos projectos, o Teatr'UBI, está já a preparar a oitava edição do Ciclo de Teatro Universitário da Beira Interior, que decorrerá em Março na Covilhã.

breves

Coração aberto em seminário de Medicina

O funcionamento do coração humano, doenças e possíveis tratamentos do órgão que bombeia sangue para todo o corpo foram as questões abordadas no seminário "Tórax – da teoria à prática", realizado no passado dia 26 de Novembro, na UBI. O Orador foi João Cravino, director do Serviço de Cirurgia Cardio-Torácica do Hospital de Santa Maria (Lisboa).

Durante o seminário foi possível ver filmes de cardiografias, exame que ajuda o cirurgião a determinar a necessidade de intervenção cirúrgica, onde se mostraram algumas das lesões coronárias mais comuns.

A cirurgia coronária é, nos dias de hoje, a forma mais eficaz de lidar com os problemas cardíacos. O implante de um bypass, aparelho que regula os batimentos do coração, foi uma das operações apresentadas.

As novas tecnologias estão ao serviço da medicina. Os biomateriais servem para se construir desde próteses valvulares a corações artificiais.

Um quarto de século a pintar

"25 Anos de Pintura (1978-2003)" é o nome da exposição de Fernando Simões, pintor da Covilhã, patente no Edifício Arte e Cultura, da Câmara Municipal da Covilhã (CMC), entre 8 e 21 de Dezembro.

A exposição é uma colecção de obras de toda a carreira do artista. O percurso artístico de Fernando Simões começa pela pintura académica, tendo sido influenciado pelos mestres da corrente surrealista. Ao longo dos anos, passa por várias etapas no que se refere à criação e à utilização de diferentes materiais. O seu estilo actual centra-se no naturalismo e no retrato influenciado por motivos pessoais e pelo ambiente beirão.

Quanto à sua forma de criar, Fernando Simões descreve-a em forma de desejo. "Espero que não seja um estilo na sua forma castradora que me impeça de representar o que vejo e sinto num profundo ser que me envolve."

Fernando Simões é, actualmente, docente na Escola EB 2/3 de Tortosendo na disciplina de Matemática. A sua primeira exposição foi organizada pela CMC em 1978. Desde essa altura, tem participado em exposições individuais e colectivas por todo o País e estrangeiro.